



Identidade e subjetividade no texto acadêmico

*Fernanda Taís Brignol Guimarães^I
Vinícius Oliveira de Oliveira^{II}*

Resumo: Este artigo busca investigar a subjetividade mostrada no texto acadêmico através da análise da escrita atípica de uma dissertação de mestrado composta composicionalmente por um conjunto de cartas endereçadas a interlocutores reais. A partir da ótica da Análise Dialógica do Discurso – ADD, pretendemos investigar a construção da identidade docente da pesquisadora através da escrita. Assim, nosso percurso metodológico parte da análise da arquitetura da dissertação e da seleção de alguns recortes das cartas que a compõe visando identificar, descrever e analisar as marcas linguísticas e enunciativas que estão presentes na escrita da pesquisadora, as quais revelam o processo de construção de sua identidade docente. Os resultados evidenciam os vários "eus" que compõem a identidade da pesquisadora, a partir de sua escrita acadêmica.

Palavras-chave: Identidade; Subjetividade; Texto acadêmico; Gêneros do discurso.

Identity and subjectivity in academic text

Abstract: This paper investigates the subjectivity shown in the academic text through the analyses of the uncommon writing of a specific master's degree dissertation composed compositionally by a set of letters addressed to the real interlocutors. According to Dialogic Discourse Analyses - ADD, we intend to investigate the formulation of the researcher's teacher identity. So, our methodological way starts in the dissertation's architectural analysis and also the selection of linguistic and enunciative marks which are present in the researcher's writing, which reveal the process of her teacher identity formulation. The results show the various "I" that constitute the researcher's identity.

Keywords: Identity; Subjectivity; Academic Text; Discourse Genders.

Artigo recebido em 06/04/2015 e aceito em 22/09/2015

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLIVEIRA

1. INTRODUÇÃO

A escrita de um texto, independente do gênero discursivo no qual se inscreva, exige de seu autor certo domínio e familiaridade com a esfera social da qual o gênero faz parte. Através do domínio dos gêneros discursivos nos tornamos capazes ou não de interagir discursivamente em dada esfera social. A escrita de um bilhete, de uma carta pessoal ou de um memorando certamente não se dará da mesma forma. Isto porque as esferas sociais são distintas, assim como os interlocutores que participam de cada esfera também são distintos.

Conforme Bakhtin, os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”^{III} que organizam a comunicação discursiva nas diferentes esferas de uso da linguagem. Assim, quando nos dirigimos a um professor em sala de aula ou a um médico em uma consulta de rotina, por exemplo, não o fazemos da mesma forma como quando estamos participando de uma conversa familiar ou em uma roda de amigos.

A partir da análise com relação à escrita atípica de uma dissertação de mestrado, que realiza o gênero acadêmico dissertação através da forma composicional da carta, pretendemos identificar, descrever e analisar, nos recortes selecionados, em que momento a escrita da pesquisadora revela um tom subjetivo e de que forma essa subjetividade mostrada contribui para a construção de sua identidade docente.

Especificamente, nosso objeto de análise consiste na dissertação de mestrado intitulada *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*^{IV}, de autoria de Rosaura Angélica Soligo, defendida na Unicamp, no ano de 2007, que apresenta um estilo próprio de escrita do gênero, já que possui uma linguagem um tanto pessoal e apresenta-se na forma de um conjunto de cartas endereçadas a interlocutores reais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Dialogismo e Linguagem

Para compreendermos essas questões relativas aos gêneros do discurso e, por conseguinte, aos diferentes usos que fazemos da linguagem nas diferentes esferas da atividade humana, baseamos este estudo na Análise Dialógica do Discurso - ADD, a qual é proposta por Bakhtin e seu Círculo. Assim, apoiamos nossa análise em uma concepção da linguagem tomada não apenas como um sistema estático, mas como prática social, que compreende a língua em uso, através da interação entre os sujeitos nas mais diversas situações de interlocução.

Para Bakhtin e seu Círculo, “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*”^V. Essa concepção teórica toma a língua como um fenômeno social, sendo sua essência a interação verbal, que se realiza através de enunciados únicos e irrepetíveis, situados em um contexto comunicativo específico – a enunciação, conforme as palavras do autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua^{VI}

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLIVEIRA

As diferentes situações comunicativas da interação verbal mobilizam diferentes usos da linguagem oral ou escrita e, assim, criam os chamados gêneros do discurso, que consistem em modos específicos de interlocução, constituídos por marcas linguísticas e enunciativas específicas e inscritos em diferentes esferas de uso da linguagem.

Bakhtin define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”; isto porque, ao mesmo tempo em que um gênero possui características específicas que dizem respeito a sua forma, a sua estabilidade, sem as quais não poderíamos identificá-lo, ele também possui caráter dinâmico, ou seja, ele muda de acordo com os usos que fazemos da linguagem, podendo até mesmo dar origem a outros gêneros. Nesse sentido, de acordo com as necessidades de interação social, os gêneros passam por transformações e vão se moldando a partir dos contextos de comunicação.

Ter conhecimento sobre os gêneros do discurso é o que nos permite participar das mais diversas situações comunicacionais orais ou escritas. Bakhtin distingue ainda os gêneros primários dos secundários. Sendo os gêneros primários aqueles pertencentes a situações de comunicação cotidiana (diálogo, carta pessoal, situações de interação face a face). Já os gêneros secundários estão ligados a situações mais complexas de interação social. Os gêneros secundários se formam a partir dos primários, absorvendo-os e transformando-os e frequentemente apresentam-se de forma escrita.

Com relação ao tema, é importante lembrar que não diz respeito ao tópico ou assunto, pois se trata de um elemento contextual que pode realizar-se a partir de diferentes tópicos e mobilizar diferentes gêneros. Por exemplo, o tema de um gênero acadêmico, como o gênero dissertação ou o gênero tese pode realizar-se a partir de diferentes tópicos/assuntos referentes a diversas áreas do conhecimento: educação, letras/linguística, matemática, geografia, entre outras, e abordar nelas diferentes aspectos.

Nesse caso, o conteúdo temático será realizado a partir da discussão que versará sobre os resultados de determinada pesquisa, sobre dado tópico/assunto referente à determinada área do conhecimento. E, o que irá determinar se o texto faz parte do gênero dissertação, do gênero tese ou de outros gêneros serão os elementos contextuais, de produção, circulação e recepção do texto, bem como os objetivos finais da escrita, isto é, a obtenção, pelo pesquisador, do título de mestre ou de doutor, em nosso caso.

2.2 Identidade e Dialogismo

Como vimos, a concepção de linguagem a partir da ótica bakhtiniana encontra sua base teórica calcada no dialogismo. Conforme Brait, os sujeitos apropriam-se do conhecimento através da linguagem, sendo este concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos^{VII}. Assim, a linguagem, a construção e a produção de sentidos – como a construção da identidade do sujeito, a percepção e a construção de sentidos que o sujeito tem sobre si mesmo e sobre suas ações no mundo, ou sobre o outro, por exemplo – estão necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos social e historicamente situados.

Dessa forma, sabemos que as relações entre sujeitos e as construções de sentido, através das quais as identidades sociais são constituídas, são essencialmente dialógicas. Para Bakhtin, o sujeito é constituído socialmente, através das relações sociais com outros sujeitos. Essas relações nem sempre se apresentam de forma harmoniosa, podendo ser conflituosas e até mesmo contraditórias. Quanto à constituição da identidade do sujeito, Sobral diz que:

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLVEIRA

(...) tornamo-nos “eus” a partir de outros eus, mas não somos cópias desses outros eus. Trata-se de um monismo (próximo do de Espinosa e de Vygotsky) que vê o sujeito no âmbito de uma estrutura arquetônica de formação e alteração constante de sua identidade na qual os diferentes elementos que constituem sua fluida e situada identidade estão em permanente tensão, em constante articulação dialógica, em permanente negociação de formas de composição, em vez de unidos mecanicamente ou dados de uma vez por todas.^{VIII}

As questões identitárias nos rodeiam antes mesmo de nosso nascimento. Ainda na barriga da mãe, o bebê recebe as primeiras designações de gênero que o identificam como um ser pertencente ao sexo masculino ou feminino, de acordo com a anatomia biológica de seu corpo. E é através das relações com o corpo que começamos a experimentar o mundo a nossa volta e a construir sentido por meio de experiências sensorio-corporais. O bebê testa seu corpo, sua capacidade motor, através de brincadeiras ou de um simples gesto como mexer as mãos e os pés, ou então, ao levar algo até sua boca. O balbucio, por exemplo, é uma das experiências corporais infantis, através da qual o bebê testa a capacidade de seu aparelho fonador e, ao emitir sons, primeiramente incompreensíveis, está testando sua capacidade de uso da língua.

Através de ações do cotidiano como a maneira de se vestir, de falar, de comer, o sujeito cria um estilo, uma imagem social, que reflete o modo como ele deseja ser visto pelo outro e, ao mesmo tempo, é através do olhar do outro que ele consegue ver-se a si mesmo por completo. Segundo Shusterman:

Se o autoconhecimento é um objetivo central da filosofia, então o conhecimento da dimensão corporal não pode ser ignorada. Ao reconhecer a complexa estrutura ontológica do corpo, que é simultaneamente objeto material no mundo e subjetividade intencional dirigida ao mundo, a somaestética se ocupa não apenas da forma ou representação externa do corpo, mas também de sua experiência vivida; a somaestética trabalha em prol de uma percepção aprimorada de nossos sentimentos, oferecendo assim uma intuição maior tanto de nossos estados de espírito passageiros e de nossas disposições duradouras.^{IX}

Conforme expusemos, nosso objeto de análise consiste em uma dissertação de mestrado que realiza o gênero acadêmico dissertação a partir da forma composicional de cartas endereçadas a interlocutores reais. Nossa investigação recai sobre a subjetividade mostrada pela pesquisadora na escrita do texto acadêmico – sendo que o gênero acadêmico, geralmente, pretende-se isento de uma escrita subjetiva.

A pesquisadora justifica sua escolha pela escrita da dissertação na forma composicional de cartas por seu desejo de contribuir de alguma forma com os sistemas de ensino, bem como com a elaboração e implementação de políticas educacionais. É importante dizer que Soligo tem como objeto de pesquisa 32 memoriais de autoria de profissionais da educação. Dessa forma, a pesquisadora argumenta em favor da sistematização de conhecimentos em torno da ideia de narrativas pedagógicas e de gêneros narrativos como privilegiados para que os educadores documentem e socializem suas reflexões, suas experiências, seus saberes e sua produção intelectual.

A pesquisa narrativa consiste em uma nova e eficiente estratégia de investigação sobre a formação de professores, já que permite ao docente uma reflexão crítica e consciente sobre sua própria prática. Ao narrar fatos que considere importantes sobre sua trajetória, o professor mobiliza lembranças que o ajudam a perceber o que de fato contribuiu para sua formação pessoal e profissional, de forma a articular presente, passado e futuro, já que a

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLVEIRA

narrativa permite que ele reviva acontecimentos passados por meio da perspectiva que ele tem sobre si mesmo no presente e, a partir daí, projete seu futuro.^x

A narrativa pessoal permite ao professor tornar-se, ao mesmo tempo, autor e leitor da própria história, impulsionando à superfície discursiva os mais diversos "eus" que compreendem a sua formação identitária. Através da seleção de lembranças, ele apreende os acontecimentos que contribuíram de forma mais significativa para sua formação, ao passo que escolhe cuidadosamente o modo de dizer mais adequado, o que se torna revelador de sua subjetividade. Sobre essa leitura interpretativa que o docente faz quando narra a própria história, Cunha diz que: “Quando narra uma história, o narrador-autor articula simultaneamente algumas ações ligadas ao (re) viver e a (re) explicar as histórias que vivenciou, de forma que todas as vozes passam a ser ouvidas.”^{xI}

Ao contar a própria história, o sujeito parte de sua leitura do mundo, de suas impressões dos acontecimentos, ou seja, do plano do sensível, e, através da mediação desse sujeito sobre o que foi apreendido, ele torna-se maestro de um novo discurso, transformando o sensível em inteligível. O sujeito, portanto, transforma suas impressões em unidade de conteúdo, num conceito, a fim de que seu discurso seja lido e compreendido pelo outro, a fim de fazer com que seu discurso chegue até o outro.

Do nosso ponto de vista, o processo que envolve a narrativa pessoal pode ser comparado com a atividade de tradução conforme postulado por Sobral, como um processo de: “rediscursivizar, transpor e transcriar um discurso em outro discurso”.^{xII} O processo de contar os fatos vivenciados assemelha-se à atividade do tradutor, a nosso ver, já que o tradutor também mobiliza as ações de leitor do texto/discurso em língua estrangeira e, através de suas impressões com relação ao discurso do outro, através de sua mediação, ele transforma esse discurso em outro discurso, a fim de que seja lido e compreendido na língua em que está sendo traduzido.

3. METODOLOGIA E CONTEXTO DA PESQUISA

Nosso objeto de análise focaliza a escrita atípica da dissertação de mestrado intitulada *Quem forma quem? Instituição dos Sujeitos*, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp, tendo sido defendida no ano de 2007. A referida dissertação é formada composicionalmente por um conjunto de cartas endereçadas, mas não enviadas, a interlocutores reais e possui como metodologia a pesquisa narrativa ou autobiográfica. Investigaremos, portanto, a construção da identidade docente da pesquisadora através da escrita, bem como a subjetividade mostrada no texto. Nossa análise apóia-se em uma metodologia baseada no método sociológico do Circulo de Bakhtin, que leva em consideração os aspectos da comunicação e interação social, aliados ao estudo dos gêneros do discurso, que organizam o dizer. O percurso metodológico parte da análise da arquitetura da dissertação e da seleção de alguns recortes das cartas que a compõe visando identificar, descrever e analisar as marcas linguísticas e enunciativas que estão presentes na escrita da pesquisadora, as quais revelam um tom subjetivo em seu texto, e ainda o processo de construção de sua identidade docente.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para começar nossa análise, é importante ressaltar que as questões de identidade e a subjetividade rodeiam o tempo toda a escrita da pesquisadora, revelando quem ela é e como se construiu e ainda se constrói sua identidade docente. Primeiramente, pensemos no termo “militância na profissão”, utilizado por Soligo para designar aqueles profissionais que não

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLIVEIRA

medem tempo nem esforços para mudar a realidade das instituições das quais fazem parte. Termo esse através do qual a pesquisadora define-se a si própria, bem como a todos os sujeitos participantes de sua pesquisa, autores dos memoriais por ela analisados.

Vejamos, abaixo, um trecho da carta aos gestores dos sistemas de ensino e demais educadores, em que ela se define como uma militante na profissão e, vai além, afirmando que por ser esse tipo de profissional, por ter essa identidade militante, não poderia ocupar uma vaga no programa de pós-graduação de uma universidade pública sem que contribuísse de alguma forma com a educação:

(...) De qualquer forma, há algo que não mudou desde a primeira versão do projeto: a proposta de apresentar, ao final da pesquisa, um conjunto de ‘recomendações’ às Secretarias de Educação, como forma de fazer valer os recursos públicos que em mim foram investidos como aluna do mestrado.

De nada teria servido o discurso e a militância de quase trinta anos se assim não fosse.^{XIII}

A autora da dissertação analisada parte de uma problemática de pesquisa voltada para a formação pessoal e profissional dos educadores e para a investigação sobre a relação instituições-sujeitos, mais especificamente a relação entre instituições/organizações educativas e profissionais que nelas trabalham. Dessa forma, Soligo propõem-se a compreender como se dá essa relação, as mútuas influências que ocorrem e que tipo de profissional tem ações instituintes no ambiente de trabalho. Vejamos, abaixo, um trecho em que a pesquisadora cita um experimento científico como forma de argumentar sobre as influências sofridas pelos sujeitos com relação a questões identitárias a partir da visão do outro sobre si mesmos:

(...) Depois, já como professora da escola pública, buscando aqui e ali elementos para minha autoformação, conheci aquele outro experimento, que ficou conhecido como profecia autorealizadora. Aquele, da década de 1960, quando os pesquisadores Robert Rosenthal e Leonore Jacobson fizeram testes de inteligência em todos os alunos de uma escola norte-americana e depois, aleatoriamente, selecionaram 20% deles informando aos respectivos professores que eram aqueles os que haviam tido o melhor resultado no teste. O que aconteceu? No final do ano letivo, os alunos considerados mais inteligentes apresentaram desempenho significativamente superior aos demais.^{XIV}

A partir da análise desse trecho, percebemos a argumentação da pesquisadora com relação à poderosa influência que o olhar do outro exerce na construção da identidade do sujeito, a ponto de fazer com que alunos passem a obter sucesso escolar a partir dos resultados de um teste fictício que os fazem passar a acreditar que possuem um alto nível de inteligência, superior ao dos demais colegas de classe. Soligo utiliza-se de outros textos nessa mesma linha de argumentação, de forma a tentar comprovar que as experiências vividas pelo sujeito no mundo se tornam determinantes para sua formação pessoal e profissional. Abaixo, vejamos outro exemplo utilizado pela pesquisadora. Trata-se da história infantil “Era urso?”, de Esdras do Nascimento, adaptação da história original de Frank Tashlin:

A história é curta, com um enredo aparentemente simples, mas profunda, emocionante, maravilhosa. Um urso hiberna na floresta e depois de meses acorda no pátio de uma fábrica que ali, no inverno, fora construída. Todos o tratam como um

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLVEIRA

operário barbudo e imundo que precisa tomar banho para assumir o trabalho sem mais demora. O que se segue é um embate feroz entre a argumentação do Urso, pautada em sua certeza de quem ele é, e todos os outros – o Vigia, o Chefe, o Gerente, o Diretor, o Vice-presidente e as respectivas todas Secretárias – que desdenham de seu engano e afirmam em coro que ele não passa de um vagabundo que mente. O Presidente, quando por fim é acionado, do alto de sua presidência, profere tranqüilamente [sic] a sentença: – Caaaaalma, meu filho. Você está muuuuuuito nervoso. Não precisa esconder nada... Sei muito bem que você não é urso. Faça a barba, tome banho, troque de roupa e vá trabalhar. E como o Urso ainda assim insiste, para que se convença de uma vez por todas, levam-no ao Zoológico e ao Circo, lá onde vivem os ursos, lá onde se fosse urso certamente estaria. O que lhe dizem os bichos – os ursinhos, inclusive – é que ele é um impostor, um vagabundo querendo se passar por urso!^{XV}

Através desses exemplos, percebemos que Soligo parte da ideia de que nossas experiências formativas ao longo da vida, tanto no âmbito pessoal como profissional, agem construindo nossa identidade. Dessa forma, nos vimos através do olhar do outro e nos constituímos como sujeito através da interação com outros sujeitos. Com relação à questão presente no título de sua dissertação, *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*, a pesquisadora aponta para o fato de que na verdade ninguém forma ninguém, ou seja, o que nos forma não é a instituição (escola, universidade, ambiente de trabalho), da qual fazemos parte, mas sim o conjunto de experiências por nós vivenciadas ao longo de nossas vidas e nossa interação com nossos outros nesses ambientes e fora deles. Assim, por meio da interação social, construímos nossa identidade, ou melhor, os vários traços que correspondem a nossa identidade social, através da qual nos apresentamos e nos representamos no mundo.

A título de ilustração dos diferentes diálogos travados na dissertação, a partir da escrita das cartas, apresentaremos a seguir duas passagens que compõem a *Carta aos destinatários* (carta endereçada aos gestores dos sistemas de ensino e profissionais responsáveis pela elaboração e implementação de políticas de formação), em que percebemos a presença de marcas linguísticas e enunciativas que revelam a subjetividade da pesquisadora por meio de sua escrita. Nessas passagens, a pesquisadora mergulha em uma narrativa pessoal e relata fatos decisivos que a fizeram tornar-se uma educadora, bem como construir sua identidade docente:

Há 29 anos sou professora da rede pública. (...) porque me identifiquei a tal ponto com essa condição que hoje, mesmo não estando mais vinculada diretamente a uma sala de aula, não posso deixar de dizer que sou professora da rede pública. Minha alma profissional é de professora. Tudo o que realizei na educação tem a ver com essa condição.^{XVI}

No trecho acima, a pesquisadora relata sua forte identificação com a carreira docente. A narrativa em primeira pessoa aliada à forma expressiva que dá a seu relato revela um caráter “subjetivo” em sua escrita. A escolha das palavras também contribui para essa expressividade com que ela afirma sua identidade de professora. É importante observar que logo de início Soligo indica os anos de atuação como professora. Assim, ela reforça o que dirá logo depois sobre sua identificação com a profissão. O uso da expressão “a tal ponto” (na mesma linha) é mais uma escolha linguística e uma marca enunciativa, que reflete a expressividade e, até mesmo, certa emoção presente em seu discurso. Em seguida, Soligo utiliza-se de uma metáfora ao afirmar: “*minha alma profissional é de professora*”. Ao dizer que sua alma profissional é de professora, ela coloca a condição de ser professora como algo

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLIVEIRA

que está além de sua vocação profissional, como algo que a constitui como pessoa, que está além de seu corpo, está em sua alma. Em outro trecho, ela diz:

Nunca desejei ser professora até pisar em uma sala de aula, (...) O convívio com o empenho cotidiano – para mim um sacrifício inexplicável! – de minha mãe para ensinar crianças da zona rural, as infinitas horas de planejamento solitário (...), a necessidade de separar-me dela e de meu pai quando ingressou como professora efetiva na fronteira do estado (...) foram apenas algumas das circunstâncias que (...) me afastaram da opção pelo magistério. Sempre que quis ser algo quando crescesse, quis ser psicóloga e quanto a isso nunca tive a menor dúvida. (...) A única coisa que eu poderia oferecer àquelas crianças pobres era o que eu conseguisse aprender pelo meu próprio empenho, com a minha garra e por coerência com o meu compromisso ideológico com os filhos da classe trabalhadora – para utilizar uma expressão comum na época. Talvez seja exatamente esse o momento em que escolhi a minha profissão e em que dei o primeiro passo no meu processo de autoformação, que nunca mais deixei de cultivar.^{XVII}

A identidade militante da pesquisadora se mostra como um fator determinante para que ela não se conforme com a realidade da forma como se apresenta. Sua identidade militante e seu desejo instituinte, de contribuir de alguma forma para com as instituições das quais fez ou ainda faz parte, bem como para com o sistema de ensino em geral, agem como um propulsor para que ela opte por registrar sua pesquisa na forma composicional de um conjunto de cartas endereçadas aos profissionais responsáveis pela elaboração e implementação de políticas de formação e de educação, deixando ao final do texto algumas contribuições das lições aprendida com sua investigação.

Percebemos, ainda, o emprego de recursos da estilística literária em sua escrita, a partir da análise desse segundo trecho, como, por exemplo, na frase: *Sempre que quis ser algo quando crescesse, quis ser psicóloga e quanto a isso nunca tive a menor dúvida*. Nessa frase, há o emprego de recursos estilísticos como: pleonasma e anacoluto. Acontece o pleonasma na repetição da palavra *quis*. A redundância dessa palavra age de forma a enfatizar o desejo da pesquisadora de ser psicóloga, o que é ainda mais reforçado pela expressão final: *e quanto a isso nunca tive a menor dúvida*. Já o anacoluto ocorre na quebra da estruturação lógica da oração, ficando o termo: *Sempre que quis ser algo quando crescesse* em posição de destaque no início da frase, como forma de dar-lhe realce. A construção gramatical seria: Eu sempre quis ser psicóloga quando crescesse.

A partir do uso de uma narrativa pessoal, e de um estilo que se aproxima da escrita literária, a pesquisadora narra e, ao mesmo tempo, reflete sobre sua trajetória pessoal e profissional, como reforça o trecho final, em que ela fala sobre o momento em que, de fato, escolheu a profissão docente. O uso da expressão *talvez* (que remete a um estado de dúvida, de incerteza) revela seu processo de reflexão sobre os fatos decisivos para sua formação como professora.

A partir desse processo auto-reflexivo, tal como foi descrito quando falamos da pesquisa narrativa, a pesquisadora revela como se constitui sua identidade docente, descrevendo o caminho percorrido durante sua formação pessoal e profissional, que a fez tornar-se uma educadora e, além disso, que a fez tomar para si a “militância na profissão” – termo escolhido para definir os profissionais que não poupam tempo nem esforços para desenvolver um trabalho de qualidade, que estão sempre preocupados com os resultados de seu trabalho e que consideram os sujeitos a quem sua prática profissional se destina.^{XVIII}

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLIVEIRA

Soligo cria um novo discurso, ela parte do plano do sensível, de suas impressões sobre os acontecimentos e através do processo de mediação ela transforma o sensível em inteligível, isto é, transforma suas impressões em unidade de conteúdo, num conceito, a fim de que seu discurso seja lido e compreendido pelo outro, a fim de fazer com que seu discurso chegue até o outro. Nesse sentido, ela cria um novo discurso, por meio do recontar, do reviver a própria história, passando a “rediscursivizar, transpor e transcriar um discurso em outro discurso”.^{XIX}

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, conforme postulado por Bakhtin, os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”^{XX} que organizam a comunicação nas diferentes esferas de uso da linguagem. Cada esfera social cria seus gêneros de acordo com suas necessidades de comunicação. Portanto, ter conhecimento sobre esses gêneros é o que permitirá ao sujeito o bom desempenho comunicativo em dada esfera de uso da linguagem. Os gêneros do discurso possuem certa estabilidade, o que irá garantir seu reconhecimento e seu emprego adequado pelos falantes. Porém, é através de sua relatividade que eles irão adequar-se às necessidades reais de comunicação dos sujeitos, se modificando de acordo com seus usos reais e, até mesmo, dando origem a outros gêneros.

Nossa análise mostrou que o gênero acadêmico dissertação é realizado a partir da forma composicional de um conjunto de cartas (que não são cartas reais, mas simulacros de cartas, já que são apenas endereçadas, mas não enviadas, a interlocutores reais) a fim de atender a necessidade da pesquisadora de fazer-se não apenas ouvida, mas também lida, no intuito de contribuir para uma melhoria nos sistemas de ensino atuais.

Assim, a militância na profissão – característica da pesquisadora, conforme sua própria definição sobre si mesma – se mostra como fator determinante para a escolha por registrar sua pesquisa na forma de cartas endereçadas, principalmente, aos profissionais responsáveis pela elaboração e implementação de políticas de formação e de educação, o que torna possível o cumprimento do objetivo inicial de sua pesquisa, ou seja, contribuir com o sistema de ensino, através de recomendações deixadas ao final do texto para esses profissionais.

Sabe-se, ainda, que os gêneros acadêmicos se pretendem isentos de uma escrita subjetiva. No entanto, a escrita da dissertação analisada é construída por meio da subjetividade da pesquisadora. Através de uma narrativa pessoal, Soligo revela como se constitui sua identidade docente e a construção de seu Eu instituinte, que se forma através de suas experiências de formação pessoal e profissional e, portanto, através de sua relação com o outro, conforme postulado por Bakhtin e seu Círculo.

NOTAS:

^I Possui Graduação em Letras e Especialização pela Universidade Federal do Pampa. Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas. É bolsista CAPES e membro do Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens – LEAL/UCPel – fernandabage@hotmail.com.

^{II} Possui Graduação em Letras pelo Centro Universitário Franciscano. Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas. Bolsista CNPq – viniciusdeoliveira91@gmail.com.

^{III} M. Bakhtin, *Estética da criação verbal*, Tradução Paulo Bezerra, São Paulo, Martins Fontes, 5ª Ed., 2010.

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLIVEIRA

^{IV} Dissertação disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420293> Acesso em 08/09/2014.

^V M. Bakhtin; V. N. Volochinov, *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, Nova Edição, São Paulo, Hucitec Annablume, 2002, p. 124 [grifos no original].

^{VI} Idem, p. 123 [grifos no original].

^{VII} B. Brait (Org.), *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*, São Paulo, Contexto, 2006.

^{VIII} A. Sobral, O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito, *Bioethikós* (Centro Universitário São Camilo), v. 3(1), p. 122, 2009.

^{IX} R. Shusterman, *Consciência corporal*, Trad., Pedro Sette-Cámara, Cambridge University Press, 2012, p.50.

^X R. C. CUNHA, A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. In: 5º Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2009, Teresina. 5º Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. Teresina: Edufpi, 2009, v. 1. Disponível em:

<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf>. Acesso em: 04/11/2014.

^{XI} Idem, p.5.

^{XII} A. Sobral, Traduzimos Discursos, não (apenas) textos. In: A. Sobral, *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*, São Paulo, Special Book Service Livraria, 2008, p. 73.

^{XIII} A. R. Soligo, *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*, Campinas, SP [s.n.], 2007, disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420293> Acesso em 08/09/2014, p. 48.

^{XIV} Idem, p. 43.

^{XV} Idem, pp. 43-44.

^{XVI} Idem, p.22.

^{XVII} Idem, pp.22-23.

^{XVIII} Idem, p.35.

^{XIX} A. Sobral, Traduzimos Discursos, não (apenas) textos. In: A. Sobral, *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*, São Paulo, Special Book Service Livraria, 2008, p. 73.

^{XX} M. Bakhtin, *Estética da criação verbal*, Tradução Paulo Bezerra, São Paulo, Martins Fontes, 5ª Ed., 2010.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 5ª Ed., 2010.

_____; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Nova Edição. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, R. C. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. In: 5º Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2009, Teresina. 5º Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. Teresina: Edufpi, 2009, v. 1. Disponível em:

<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf>. Acesso em: 04/11/2014.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Trad. FUHRMANN, Sonia M. S. 6ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ACADÊMICO

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

VINÍCIUS OLIVEIRA DE OLVEIRA

SHUSTERMAN, Richard. *Consciência corporal*. Trad. SETTE-CÂMARA, Pedro. Cambridge University Press, 2012.

SOBRAL, A. Traduzimos Discursos, não (apenas) textos. In _____. **Dizer o “mesmo” a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Service Livraria, 2008.

_____. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. *Bioethikós (Centro Universitário São Camilo)*, v. 3(1), p. 121-126, 2009.

SOLIGO, R. A. *Quem forma quem? Instituição dos sujeitos*. Campinas: SP [s.n.], 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420293> Acesso em 08/09/2014.